



Apresentação [7]

Corona de flores & espinhos [10]

*Índice inconcluso de nomes
próprios e termos mencionados* [67]

Sobre o autor [75]

Apresentação

WAGNER UARPÊIK

Maio de 2023

Quando senti que, para melhor parir minha voz sobre a pandemia, uma boa conversa me resultaria mais simples, rápida, imprevisível, divertida, contagiante, e potencialmente menos labiríntica, do que o inescapável monólogo da escrita solitária, caseira e confinada, convidei Juliet Durchamp, amiga e parceira de trabalho de tradução [na equipe Eriom: grupo transnacional de tradutores, revisores e redatores do qual fiz parte até 2021]. Ciente da forte inclinação de Juliet ao silêncio parteiro, de minha relutante eloquência, e da envolvente ascensão da pandemia no Brasil, a sucinta e generosa francesa me convenceu de que uma entrevista nos ajudaria muito mais do que uma conversa, por assim dizer, com maior tráfego em via de mão dupla.

A tradutora Juliet Durchamp é graduada em letras [espanhol], e pós-graduada em literatura e letras [francês]. Nosso longo e descontínuo

diálogo, iniciado em junho de 2020, quase sempre falado, com algumas intervenções escritas, e traduzido do espanhol por mim, se estendeu até a terceira semana de julho.

Nossa conversa foi publicada a primeira vez (com subtítulo um pouco diferente) em agosto de 2020, na coletânea (exclusivamente digital) “Pandemoinhos: antologia de artigos, poemas, histórias, diálogos & oráculos sobre a pandemia de coronavírus”. Para a presente edição, o texto original passou por alterações ortográficas, fracionamento de alguns parágrafos, e subtrações de trechos que abordam fatos e temas que considero atualmente impertinentes ou obsoletos. A obra também recebeu um didático índice [meio em ordem alfabética, meio em ordem aconselhadora] com vários nomes próprios e termos mencionados nas entrevistas.

Por que transformei em livro solo minha contribuição para uma coletânea lançada dois anos atrás? Principalmente pelo mesmo motivo que me levou a organizar e editar “Pandemoinhos”: tanto já foi dito sobre a pandemia, e ainda é tão pouco! Quando há “palavras que

nunca são ditas”, e “muitas vezes repetindo a mesma frase”, melhor buscar nossa própria voz, e ofertá-la, ainda que para poucos, pouquíssimos, vindouros, ou historiadores.

Minhas pausas, ritmos, neologismos, intensidades, melodias e regras podem ser presentidas; mas o guia de estilo publicado em meu site [“Meu texto, minhas regras”] ajuda. O réu se declara popularmente, musicalmente, oralmente, experimentalmente e soberanamente inocente de inúmeras e deliberadas incompatibilidades -- sobretudo pontuacionais -- com os “gramáticos” brasileiros.



*Corona de flores
& espinhos*

[Juliet Durchamp] *Como diz a máxima, começamos pelo começo, tudo bem? Quando todo esse caos começou? Há vários começos... Podemos falar em uma pandemia global e ao mesmo tempo em diversas pandemias locais. Os trajetos do vírus foram distintos na França, China, África do Sul, Brasil, etc. Quando a pandemia começou para você, brasileiro, nordestino, costeiro, excêntrico, e, se me lembro direito, pouco interessado em televisão?*

[Wagner Uarpêik] *Eita!, você trouxe uma entrada elegante pro nosso banquete, hum? Talvez os franceses sejam os melhores na preciosa arte de saber começar as coisas...ou pelo menos jantares, livros, cerimônias, revoluções... E talvez os brasileiros sejamos mesmo campeões em saber improvisar a vida, a arte e a política, como demonstram, por sinal, a bossa nova, os protestos de 2013...e minha estranha iniciação ao mundo pandêmico.*

Meses atrás, enquanto a nebulosa carnavalesca ainda se dissipava pelas ruas e corpos, eu não me importava muito com as notícias e rumores sobre a catástrofe então em curso

na Itália e China. As mídias ecoam desgraças e notícias demais para uma só mente sã, e normalmente, inclusive por economia psíquica, não gosto de me aprofundar nesse tipo de notícias, a menos que cruzem certas fronteiras além das quais passam a ser pragmaticamente importantes para mim. Ah!, lembro bem do acontecimento que anunciou o fim da minha atitude blasé:

Dentro do mar potiguar, vi um pássaro negro pairando sobre a água sem mergulhar, como se caçasse. Saí do mar depois de algum tempo. Sentado na areia, notei que o pássaro estava a poucos metros de mim e virado pro mar. Parecia um corvo, sabe? E eu gosto de corvos, e os conheço o bastante para saber que não pescam, nem costumam tomar banho de mar. Percebi que meu colega não se movia, e comecei a filmá-lo e caminhar em sua direção. Ele continuava parado e virado pro mar, como se meditasse, dormisse, ou morresse...

Sentei a menos de um metro dele, e ele continuava estático, em uma espécie de transe, me ignorando ou, não sei...destemido? Ele

só se deu conta da minha presença, ou reagiu a ela de um modo perceptível para mim, quando tentei tocar sua cabeça. Então voou, como os pássaros costumam fazer...

Será que meu misterioso vizinho morria exatamente ali, e eu desfrutava da estranha honra de contemplar seus últimos voos? Seria aquilo uma espécie de ritual próprio dos “corvos do mar”? Algum tipo de loucura ou coreografia típica dos pássaros velhos?

Colecionei hipóteses, como *me gusta* fazer. E a verdade é que apesar de não saber o que realmente aconteceu ali, por razões ainda incompreensíveis para mim [mas que têm muito a ver com os corvos, personagens, enredo e vírus do livro “The Stand”, de King, e também com o sábio alerta do “*black bird*” de Belchior: “o passado nunca mais!"]...recebi aquele pássaro negro como um mensageiro: a catástrofe viral trazia um tempo de grande dor, escuridão, mudança... Ali tive certeza de que a desgraça seria longa, profunda, e necessária.

Essa foi minha entrada oficial no drama pandêmico. Mais tarde, uma amiga bióloga

me disse que o pássaro é da espécie viuvinha negra. Um nome que, como “corvo do mar”, evoca a morte.

[Juliet Durchamp] Epifania profética?

[Wagner Uarpêik] Vivi uma profecia íntima, secreta, digamos. Ah!, essas são as melhores! Que cada profeta profetize para si mesmo! E o mundo será poupado não só dos falsos profetas e oráculos, mas de boa parte dos verdadeiros, que, aliás, frequentemente se revelam inúteis em mudar o que mais importa quando se trata de catástrofes: a direção do destino.

Entre o mal pressentido e as pessoas que o viverão, um adivinho, um vidente, um visionário, deve sempre colocar não só a pergunta “para que avisá-los?”, mas sobretudo a mais decisiva: “serei bem ouvido?”. Por não ser exatamente um profeta, ou no máximo um “profeta” amador, essas perguntas não me inquietaram {gargalhada}. Mas aposto que alguns virólogos e especialistas em pandemia enfrentaram

dilemas desse tipo alguns meses antes de a pandemia começar...

[Juliet Durchamp] Como se sentiu desde então, nas semanas posteriores ao evento poético inaugural?

[Wagner Uarpêik] Depois da orgia, a pandemia: assim me senti. Num piscar de mortes, os chamados brasileiros passamos do Gênese carnavalesco a uma espécie de Apocalipse global. O Brasil ainda andava meio bêbado e rebolando na rua quando foi invadido, encurralado e aprisionado por um exército invisível que em poucas semanas matou milhares e confinou milhões. Nem o próprio diabo diria que não sabemos dançar pra valer na beira do fim do mundo, hein!? Se álcool em veia – e em véi@ – servisse contra a nova peste, teríamos nos tornado finalmente, quem sabe, a vanguarda da medicina mundial! A solução química já estaria dentro {gargalhada}.

O debate vida confinada vs vida normal tomou o mundo. O que está em jogo nessa contradição? Quem tem razão?

É saudável desconfiar das habilidades e intenções da OMS e de tantas entidades e governos. Contudo, é inegável que realmente, em algum nível, um nível impossível de precisar [inclusive porque as estatísticas são potencialmente muito menos exatas, neutras e técnicas do que os leigos e ingênuos supõem], o corona está debilitando e aniquilando parte considerável da nossa espécie. Confesso que nos primeiros meses desconfiava muito do alegado poder destrutivo desse vírus. Entretanto, as vítimas do corona, inicialmente tão estatísticas, anônimas e distantes, têm se tornado mais próximas, familiares, íntimas. Os doentes passaram a ter nomes. Os mortos passaram a ter rostos. Quando uma epidemia alcança esse estágio, é preciso ser muito mesquinho ou idiota para acreditar que milhares de médicos e cientistas do mundo inteiro estão equivocados ao recomendar a chamada quarentena.

Certamente a eficácia da quarentena está sendo superestimada por muitos. Certamente ela também pode servir a propósitos bem menos nobres do que a saúde pública. Mas nada disso compromete a autoridade intelectual dos milhares de especialistas que recomendam a quarentena. Seriam todos eles parte de uma mesma conspiração comunista, ociosista, neonazista...reptiliana?!

Os gemidos, sangue e despedidas dos contaminados permanecerão tatuados nos karmas de todos os transmissores que não têm seguido as regras de autoproteção e não transmissão. A máscara que você não usou, a festa que você foi, a solidão que você não enriqueceu, o tédio que você não superou, o sintoma que você menosprezou, o decreto que você não aplicou, o beijo que você não dispensou, os mísseis virais que você lançou quando espirrou nos outros, o candidato em que você votou, a sabedoria e solidariedade que você não alcançou a tempo...: tudo isso poderá morder sua consciência até o fim da sua vida; se você tiver a decência de sentir culpa.

Quanto aos que jamais se sentirão culpados por esse assassinato indireto, como talvez seja o caso de Bolsonaro e suas tropas...talvez sejam recompensados com karmas piores. Desses pobres demônios eu teria até pena, se não pudesse enxergar o quanto a justiça da vida é implacável e misteriosamente sublime. As últimas cenas da ruína de Bolsonaro serão tão horrendas e vergonhosas, que alguns dos seus piores inimigos desejarão que sua tortura cesse...

A humanidade encontrou na pandemia uma bifurcação muito clara: de um lado há um vírus coroadado; do outro, uma coroa de virtudes. Cada um deve logo se assumir como súdito dos vírus, ou rei/rainha da virtude. Que milhões de pandemoinhos girem todo dia, criando as ventanias que apagam o fogo dos pandemônios! Quem cria pandemoinhos, destroi pandemônios! No meio desse cabaré global, uma lição está muito clara, e só não vê quem nunca mais verá: ou alimentamos pandemoinhos, ou alimentamos pandemônios! Ou você adora a vida; ou você adora a morte! Ou você ama sua espécie e a si mesmo; ou você a odeia

e, necessariamente, se odeia. No fundo, a pandemia veio simplificar a existência, não complicar. Pra que olhar tanto pra direita ou pra esquerda, pra cima ou pra baixo, quando o rei corona nos ataca por todos os lados, *hijeputa?!*

A economia deve servir à vida, não ao lucro. É um crime intelectual e um suicídio político pretender separar saúde e economia. Aliás, o bem-estar financeiro de uma pessoa, como o bem-estar financeiro de um país, depende muito mais do bem-estar físico e mental do que supõe o dinheirismo que escraviza nossa época. Ora, o dna maldito do mercadismo está nu, e milhares de pessoas no mundo inteiro estão tendo uma grande chance de enxergar sua mesquinhhez e sociopatia.

Até alguns “neoliberais” estão tendo a decência de reconhecer que o mercadismo nos ajudou imensamente a perder a guerra contra a pandemia [mesmo antes de ela começar, quando os vários alertas sobre uma futura pandemia não foram honrados pelas maiores potências políticas, financeiras e científicas]. O confinamento social massivo é uma estratégia

de recuo econômico que, a médio ou longo prazo, pode garantir uma atrofia menor do sistema econômico, do que o não confinamento.

Será que certos senhores das grandes cartas globais pretendem não tanto seguir lucrando como antes, mas sobretudo eliminar a maior quantidade de pessoas possível, especialmente pobres, índios e “subdesenvolvidos”? Não me surpreenderia: os traumas e pavores das multidões têm contribuído demais para o sucesso e renovação dos dispositivos de controle massivo. Talvez a jogada de determinados inimigos do confinamento seja muito mais calculada e futurista, e muito menos irracional e incoerente, do que parece.

Não seguir a quarentena é mais tentador do que segui-la. A quarentena atenta contra muitos desejos. É possível permanecer nela por mais alguns meses sem uma dose insuportável de sofrimento?

Não se esqueça de um desejo que frequentemente é mais poderoso do que qualquer outro, incluindo o sexual: o instinto de sobrevivência;

o amor, ou pelo menos o apego, à vida! Nesse sentido, há um colossal duelo entre as forças da vida e as forças da morte explodindo todo dia dentro de cada célula, de cada pessoa, de cada família, de cada cidade, de cada governo, de cada país...

Sobreviver à pandemia não é difícil. Difícil é viver bem confinado! A riqueza interior, ainda quando acompanhada de pobreza financeira, pode converter o confinamento em treino, laboratório, templo, oásis. Por outro lado, os pobres de espírito são sempre prisioneiros e torturadores de si mesmos. Não sabem estar em paz profunda consigo, não importa onde e com quem estão.

Minha casa é meu corpo. Meu corpo é meu destino. E meu destino é minha casa! Nos levamos para onde vamos: eis nossa sina! Quando não gostamos da nossa própria companhia, quando somos maus amigos de nós mesmos, maus solitários, a mudança de cenários no máximo só ameniza, perfuma, oculta nossa infelicidade. De fato, é preciso estar meio morto pra não conseguir ficar bem dentro de casa,

ou seja, dentro de si mesmo, visto que nosso corpo é nosso primeiro e último lar. A pobreza interior transforma o confinamento em prisão, labirinto, inferno. Quando acompanhada de pobreza financeira, necessariamente conduz ao desespero.

Um maldito prisioneiro, ou um bendito intimista: em grande medida é você, não o mundo, o governo, e os outros, quem decide como viver seu confinamento.

Conheço poucas pessoas capazes de enfrentar dignamente uma longa quarentena. Logo-logo, se o confinamento prosseguir até o fim do ano, ou se uma época de longos confinamentos sucessivos ocorrer nos próximos anos, presenciaremos muitos amigos e parentes enlouquecendo, ou simplesmente manifestando mais claramente suas loucuras outrora menos visíveis. Inconscientemente, nossas sombras psíquicas veneram a catástrofe, a desgraça, o fracasso, a preguiça, o medo, o isolamento... É claro que elas estão se aproveitando da quarentena pra festejar!

O dilema entre maximizar o tempo de vida por meio de uma quarentena que precariza a qualidade de vida, ou viver mais livremente, com maior qualidade de vida, sem seguir a quarentena, assumindo os riscos envolvidos nisso, parece posto para todos, subjacente à contradição entre esquerda e direita, arruaceiros e caseiros, intensos e extensos {riso}. O corona nos trouxe um desafio filosófico dos grandes, concorda?

Sim, e os mestres podem matar seus discípulos! {gargalhada}. Esse velho dilema que você habilmente sintetizou atormenta nossa espécie: devemos viver mais, ou viver melhor? Ou seja: é a duração da vida, ou sua qualidade, que a honra pra valer?

Se perguntássemos a qualquer homem ou mulher, de qualquer tempo e espaço, se ele ou ela “prefere viver 100 anos de alguma alegria e muita tristeza, ou 30 anos mui alegres e pouco tristes”, aposto minha mão que a maioria deles provavelmente diria que prefere os 30 anos.

No entanto, na prática a teoria é outra: grande parte das pessoas deseja mais